CÂMARA MUNICIPAL DE RIO BRANCO – ACRE
Rua Hugo Carneiro nº 567, Bairro Bosque
GABINETE DA VEREADOR JOÃO PAULO **– PODEMOS**

PROJETO DE LEI Nº ____ 2025

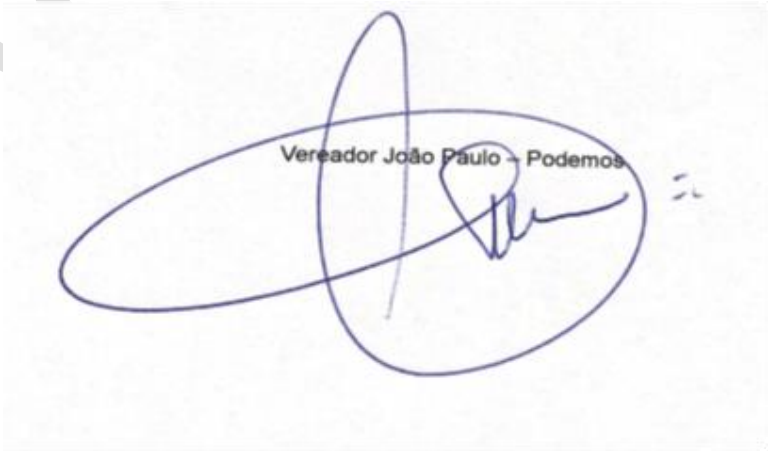
EMENTA: "Concede o título de Guardião da Cultura, da História e da Memória de Rio Branco ao Senhor DINO CAMILO DA SILVA- Lambada".

O PREFEITO do Município de Rio Branco - Estado do Acre.
Faço saber que a **CÂMARA MUNICIPAL** aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica concedido, nos termos da Lei Municipal n° 2.448, de 05 de janeiro de 2023, o título de Guardião da Cultura, da História e da Memória de Rio Branco ao Senhor **DINO CAMILO DA SILVA- LAMBADA**, pela notória e reconhecida contribuição para a preservação da cultura, da história e da memória do Município.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões Governador "*EDMUNDO PINTO DE ALMEIDA NETO*", 11 de setembro de 2025.



João Paulo

E mail.joaopaulo.gabinetevereador@gmail.com
Instagram: @joaopaulosilvarb

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Decreto Legislativo visa conceder ao Senhor Dino Camilo da Silva, popularmente conhecido como **"Lambada**", o Título de Guardião da Cultura, da História e da Memória de Rio Branco, em reconhecimento à sua trajetória de dedicação e relevantes serviços prestados à valorização e preservação da identidade cultural do Município.

Nascido em Boca do Acre e radicado em Rio Branco desde a juventude, Dino construiu uma história marcada pela arte, pela dança, pelo teatro, pela cenografia e, sobretudo, pelo compromisso em manter vivas as tradições amazônicas. Atuou como ator, diretor, cenógrafo, figurinista, coreógrafo e professor de dança, sempre empenhado em transformar a cultura popular em instrumento de formação, inclusão e pertencimento comunitário.

É fundador do Boi Lunar, único boi-bumbá em atividade no Acre, grupo que se tornou símbolo de resistência cultural e que, inspirado no Festival de Parintins, mas com identidade própria, promove espetáculos que unem dança, música, teatro e espiritualidade. O projeto tem alcançado comunidades, escolas e bairros, revelando talentos e fortalecendo laços sociais, reafirmando o papel da arte como ferramenta de transformação.

Além disso, sua atuação em eventos culturais, quadrilhas juninas, grupos de dança e projetos educativos ao longo de décadas **consolidaram-no como referência da cultura popular acreana**, sendo, inclusive, objeto de reconhecimento acadêmico pela Universidade Federal.

Assim, pela sua contribuição singular à preservação da memória, da história e da cultura de Rio Branco, a concessão do presente título é não apenas justa, mas necessária, como forma de homenagear e eternizar a relevância de sua obra e de seu legado para as presentes e futuras gerações.



João Paulo

BIOGRAFIA:

Dino Camilo da Silva, carinhosamente conhecido como **“Lambada”**, nasceu em Boca do Acre no dia 10 de dezembro de 1970. Aos 17 anos chegou ao Acre, sem documentos e recrutado por uma firma para trabalhar. O apelido que o acompanha até hoje surgiu no Festival do Amapá, realizado às margens do Rio Acre, onde se destacou pela paixão pela dança que dominava os ritmos da época.

Desde jovem já trazia consigo a influência do Boi-Bumbá, aprendido nas brincadeiras de rua. Em Rio Branco, mergulhou nas manifestações culturais locais: participou de quadrilhas juninas, em especial no bairro Sobral, e logo foi convidado a integrar trabalhos na Fundação Cultural, então situada na Ladeira do Bola Preta. Ali, teve contato com artistas de diferentes áreas e colaborou em projetos com nomes como Péricles Silva, Clodovil, Lice (peruano), Darci Ceres e Gesileu, que se tornaram seus mestres e incentivadores.

Seu envolvimento com a cultura foi intenso: na quadrilha atuava como padre, diretor, produtor, marcador, coordenador e aderecista. A convite de Regina Cláudia Maciel, também passou a se dedicar ao teatro, atuando como ator. Com o tempo, assumiu múltiplos papéis no universo artístico — ator, diretor, cenógrafo, figurinista, professor de dança, coreógrafo e artesão — sempre comprometido em transformar ideias em arte viva no palco.

Seu talento o levou a contribuir em grandes produções, como a minissérie *Amazônia: de Galvez a Chico Mendes*, na qual confeccionou, em madeira, todas as armas cênicas utilizadas. Ao longo de quase 15 anos, esteve presente na Concha Acústica de Rio Branco, apresentando espetáculos de dança e ajudando a formar novas gerações de artistas.

Com sua identidade enraizada entre o sangue amazonense e o chão acreano, percorreu o Brasil levando arte e cultura, mas sempre retornou às origens. Sua trajetória tornou-se tema de dissertação na Universidade Federal, que reconheceu sua importância para a difusão da dança e da cultura popular no Acre.

Entre suas maiores realizações está o Boi Lunar, sonho antigo que se concretizou em 2021. Após receber um boi-bumbá doado durante um festival nacional de quadrilhas realizado em Rio Branco, Dino o reformou e levou para a rua a primeira apresentação do grupo. Desde então, o Boi Lunar se consolidou como o único boi-bumbá em atividade no Acre, símbolo de resistência cultural e de valorização das tradições amazônicas. Inspirado no Festival de Parintins, mas com identidade própria, o grupo mistura dança, música, teatro e espiritualidade, levando alegria e pertencimento às comunidades.

As apresentações percorrem bairros, escolas e eventos, transformando vidas por meio da arte. O projeto promove inclusão social, oferecendo oportunidades para crianças, jovens e adultos, revelando talentos e fortalecendo laços comunitários. O Boi Lunar tornou-se, assim, um farol de identidade e memória no coração da floresta.

Além de fundador do Boi Lunar, Dino é membro fundador da ASDAC (Federação de Dança do Estado), da quadrilha “Escova Elétrica”, figurinista, coreógrafo e criador da inseparável parceira

de dança, a boneca de pano Catarina. Foi ainda o primeiro professor a oferecer aulas gratuitas de dança em espaços públicos no Acre, formando mais de 16 artistas que iniciaram a vida cultural ao seu lado.

Com uma trajetória marcada por resistência, paixão e dedicação, “Lambada” é hoje referência viva da arte acreana, exemplo de como a cultura popular pode transformar realidades e manter vivas as tradições da Amazônia.

